Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Tarde Class.: PIX-Quarup/Visitas

Data: 05/04/85 Pg.: 699

Do nascimento à morte, um retrato do índio brasileiro

Oficialmente, trata-se de uma série para a televisão, mas, na realidade, "Xingu", que o jornalista Washington Novaes dirigiu, numa produção da Intervídeo e da Rede Manchete, pode ser considerado um estudo antropológico dos primeiros brasileiros. Com estréia marcada para o próximo dia 15 (22h15), a série mostra — em linguagem acessível e imagens de uma beleza raramente vista no vídeo — o índio, do nascimento à morte.

Para realizar o programa, a equipe de quatro pessoas — o diretor, o camera, o editor de VT e o produtor — percorreu, durante dois meses, a pé e de barco, cerca de quinhentos quilômetros no Parque Nacional do Xingu para registrar o dia-a-dia de quatro tribos: Waurá, Kuikuro, Krem-Akroro e Txukaramãe. No final, mais de 50 horas de gravação, das quais só um terço foi aproveitado.

Dividida em dez capítulos, a série vai mostrar no primeiro a visão do mundo do indígena. No segundo, enfoca a infância e, no terceiro, a adolescência. No capítulo seguinte o tema é a relação homem/-mulher, depois a organização político-social entre os índios. Em seguida, a série aborda a medicina e a magia, a arte, a velhice, a morte. No décimo capítulo, a relação do índio com o branco e a questão da sobrevivência. Haverá, ainda, um capítulo extra, mostrando os melhores momentos do seriado.

Esses são muitos, pois a equipe captou várias imagens inesperadas, como uma pajelança — trabalho conjunto de vários pajés — para ajudar o nascimento de uma criança, num parto difícil, na aldeia waurá. Ainda na mesma aldeia, documentaram a saída de uma reclusão de dois anos de uma índia adolescente (todos os adolescentes das tribos do Xingu passam por esse período de reclusão que, na opinião de Washington Novaes, serve para adiar o início da vida sexual dos jovens).

Para a equipe, não foi fácil a convivência com os índios: ninguém saiu incólume da experiência de viver, como define o diretor do programa, "numa sociedade sem classes, sem autoritarismo e onde o saber é democrático: ninguém se apropria da informação para transformá-la em poder político ou econômico. O que um índio sabe, todos sabem". Novaes se sentiu emocionado com a pajelança do parto, e explica porque:

"Eu perdi três filhos, por problemas durante a gestação. O trabalho de parto da índia levou 48 horas e todos nós estávamos aflitos. Houve momentos em que eu pensei: vou intervir, pedir um avião, levar a índia para Brasília para que faça uma cesariana. Mas, ao mesmo tempo, me sentia dividido, pois me lembrava dos meus filhos que morreram, apesar de toda assistência médica".

Outro detalhe que sensibilizou Novaes foi o relacionamento entre adulto e crianças, a quem nada é proibido. As cenas mostram crianças pequenas bricando com facões, subindo em tetos, atravessando rios sobre toras. E, também, bricando com símbolos dos adultos, como trajes de dança. No depoimento de um índio, a surpresa ante à pergunta se a criança apanha: "nunca". Para Washington Novaes, o respeito pela criança é muito grande: "ela não é excluída de qualquer atividade e nem mesmo o mundo do sagrado é fechado aos pequenos".

A série consumiu, ao todo, 15 meses de trabalho, pois as conversações sobre o projeto começaram em janeiro do ano passado. Depois de definida a base do programa, foi a vez do acordo com a Funai e com os próprios índios, representados por Megaron, Txucaramãe, diretor do Parque do Xingu e Marcos Terena, um dos assessores da presidência da Funai. Pela primeira vez, pagou-se direito de imagens aos índios. Em julho do ano passado, os produtores pagaram CR$ 35 milhões, destinados às tribos que participaram do programa, pelos direitos de exibição no Brasil. Se a série for exibida no exterior (a BBC de Londres já mostrou interesse em comprá-la), haverá um novo ajuste de contas.

Esse é o segundo trabalho de Washington Novaes com índios. O primeiro, "Amazonas pátria da água", realizado para o programa "Globo Repórter" focalizava os maués e deu ao diretor a medalha de prata no Festival de Cinema e TV de Nova York, em 1982.